3.1. Vhils

Alexandre Farto mais conhecido por Vhils, é um dos artistas mais conceituados do momento, não só em Portugal, já fez mais de 50 obras espalhadas por várias partes do mundo. Vhils foca o seu trabalho num estilo arqueológico, usando todas as profundidades da parede de forma a retratar pessoas, focando a sua atenção em destruir para criar (Schacter, 2013: p. 333). O seu trabalho explora várias escalas e procura intervir organicamente na cidade, expondo os interiores da parede, destruindo cimento e tijolo de forma a dar profundidade aos seus retratos. Nasceu no Seixal em 1987, iniciando a sua carreira no *graffiti* ilícito, passando por várias fases experimentalistas do seu processo de aprendizagem. São obras que contrastam imenso com a cultura consumista nas ruas, pela humanidade presente em grande parte do seu trabalho e as suas preocupações sociais que são muito mais comparáveis a movimentos urbanos da América do sul do que propriamente da Europa (Schacter, 2013: p. 333). Vhils parece entender bem este conceito de náusea e procura em cada obra que compõe romper com sensibilidade a monotonia citadina.

Vhils admite a sua influência da poesia do valor da decadência, usando sempre a destruição para criar, com teor muito humano e belo a partir de algo destrutivo (Moore, 2011: p. 11). Em 2007 Vhils moveu-se para Londres para estudar na Central Saint Martins College, explorando essa noção de destruição e vandalismo, muito comum na arte urbana, figurando a partir da desfiguração material usando apenas o material que já esta presente, apenas escava o material e cria imagens icónicas de pessoas comuns fazendo-as imortalizar com o edifício com cariz expressivo mas muito físico dos seus retratos (Schacter, 2013: p. 333). De formão, berbequim, martelo e até explosivos, Vhils escava em diferentes profundidades de forma a criar sombreado nos rostos que representa. A sua técnica remete para formas de trabalhar na escultura, entendendo o processo curatorial de forma às suas

obras participarem organicamente na cultura visual da cidade. Vhils segue uma norma de trabalho iniciando no esboço a papel, passando para o lançamento das primeiras linhas para a parede e finalizando com a ajuda de ferramenta de perfuração e raspagem. Numa sociedade em que o discurso publicitário parece intenso e violento Vhils procura pessoas do quotidiano, representa-as com sensibilidade nas paredes entendo as formas da cidade e outras intervenções urbanas a sua volta.



(Retrato por Vhils - www.publico.pt, 2016)



(Retrato por Vhils - www.publico.pt, 2016)



(Retrato por Vhils - lisbonsouthbayblog.pt, 2016)

3.2. Ron English

Ron English, nascido em 1966, é um artista que já conta com mais de 30 anos de carreira na arte urbana. A sua carreira extremamente ativa, a sua obra fala por si, com intensidade provocativa e usando os processos e estratégias de propaganda consumista de forma satírica e muito critica contra o próprio consumismo. O seu cariz desafiante desconstrói os valores do ativismo e da arte, usando as ruas para criticar agressivamente a cultura consumista americana moderna (Schacter, 2013: p. 38).

Depois de estudar fotografia na Universidade do Norte do Texas, English ficou intrigado pelas possibilidades do cartaz publicitário, cultivando uma paixão pela anti-propaganda e usando as ruas como a seu expositor. Em 1984 , apesar do seu grande talento para a pintura, English viu o potencial do cartaz publicitário e decidiu usá-los contra o poder dos mídia, tentando representar a verdade escondida do consumismo (Schacter, 2013: p. 38). English parece ser mais do que um artista, é um anti-herói na sociedade consumista que usando os seus processos mostra-nos a outra realidade do capitalismo, religião e outro temas que nas suas mãos tornam-se muitas vezes polémicos. English não só entende a náusea existente na cidade pelo consumismo como brinca com ela, usando muitas vezes um registo cómico e satírico de forma a criticar fortemente a sociedade. English usa os próprio processos e técnicas da publicidade, muitas vezes recorrendo ao exagero como no caricaturismo, para dar ênfase à sua opinião. Trabalhando a várias escalas e de diferentes métodos, mas English ficou mais conhecido por ir para as ruas e retirar publicidade das ruas e dar inicio ao seu processo criativo. Regressa ao seu atelier e intervém sobre os cartazes publicitários, volta novamente as ruas e compõe a sua obra de acordo com o posicionamento da publicidade na cidade. Os seus processos variam muito de obra para obra mas uma constante é a pintura sobre papel ou parede, usando pincel

e spray de acordo com as limitações do espaço. A sua obra muitas vezes parece camuflar-se na cidade como publicidade dando sensação de influenciar de modo mais inconsciente do que consciente como no registo publicitário (Joly, 1994: p.10).

English parece criar uma panóplia grande de personagens criadas baseadas em mascotes de empresas e de situações do mundo actual que reaparecem em várias das suas obras criando um paralelismo entre o mundo consumista e o seu próprio mundo anti-consumista.



(Spray sobre parede, Ron English - www.ocluster.com.br, 2016)



(Pintura sobre papel, Ron English - www.fifty24sf.com, 2016)



(Pintura sobre papel, Ron English - www.ocluster.com.br, 2016)

3.3. Nazza Stencil

Nazza Stencil (ou Nazza Plantilla) é um artista argentino nascido em 1978. A sua obra é um reflexo dos seus ideais políticos e das suas ideias da sociedade onde vive. Acentua bem a desigualdade social na Argentina e provoca muito o poder governamental que o torna muito polémico e para muitos um autêntico inimigo público acusado por crimes graves na cidade de Buenos Aires (Schacter, 2013: p. 138). Nazza procura espaços centrais da cidade, dessa forma querendo dar relevância a comunicar com o povo a sua volta e revela as suas preocupações sociais com as classes mais baixas.

Nazza já pinta desde 1994, mas foi apenas depois de terminar os seus estudos que o stencil passou a ser uma importante forma para representar as suas ideias, pelo seu baixo custo permitindo-lhe criar mais obras em menos tempo. O seu trabalho nem sempre teve um forte teor politico, Nazza começou primeiro por virar a sua atenção para o minimalismo, mas com as suas experiências na Argentina sentiu que era necessário agir e dessa forma tomando posições políticas muito distintas e visíveis para qualquer pessoa (Schacter, 2013: p. 138). Influenciado por outros artistas como Eduardo Galeano e Mario Benedetti desde o "Desaparecimento da Argentina" com a criminalidade sendo um tema corrente e a segurança segurança sendo muito contestada. A America do sul ainda hoje tem zonas de realidades muito distintas do resto do mundo, onde a classe média parece praticamente inexistente e a taxa de homicídios bate recordes no mundo (Schacter, 2013: p. 138). A obra de Nazza reflete a dor e a miséria da enorme classe pobre da Argentina dando voz ao povo pelas paredes da rua onde a pobreza se encontra.

Na obra de Nazza encontramos um teor político muito intenso, ao contrario de muitos artistas urbanos Nazza prefere trabalhar sobre subúrbios, zonas com menos concentração de pessoas e mais perto da população das classes baixas. A sua obra parece destacar-se das paredes velhas da cidade ornamentado as zonas mais pobres da

cidade chamando a atenção a situações do quotidiano. No trabalho de Nazza a náusea é a paisagem repleta de pobreza e de más condições de vida. Usando stencil e spray em todo o seu trabalho, quase sempre monocromático, procura trazer arte á pessoa comum que normalmente não têm acesso na sua vida. Nazza parece entender que a arte não deve estar elitizada e têm atenção a intervir de forma orgânica de acordo com outras intervenções urbanas e complementar um todo como um projeto curatorial.



(Stencil sobre parede, Nazza - www.flickr.com, 2016)



(Stencil sobre porta, Nazza - www.stencilgraffiti.com, 2016)



(Stencil sobre parede, Nazza - www.stencilgraffiti.com, 2016)

4º Capítulo

Hipótese

4. Hipótese

Pela investigação é possível afirmar que os processos de concepção de uma intervenção de arte urbana são variados como muitos processos do campo artístico. Cada artista contem a sua individualidade de processos e experiências que caracterizam o seu trabalho. Num outro plano é possível constatar que no processo curatorial também existe a mesma diversidade pois, apesar de o curador seleccionar um grupo de obras de vários artistas tenta colocar o seu cunho pessoal na maneira com as organiza e as mostra ao público, no intuito de passar uma mensagem ou um fio condutor sobre uma ideia. Na arte urbana parece acontecer o mesmo processo pois o artista tenta passar a sua mensagem mesmo que esta esteja dispersa por um espaço físico e geográfico distinto. Da perspectiva financeira e burocrática parece haver também alguns pontos em comum. No processo curatorial encontramos uma fase em que o curador propõe ao museu o seu projecto, apresenta a sua ideia acompanhada de um orçamento e procura informar-se sobre algumas questões burocráticas. O mesmo podemos encontrar na arte urbana, neste caso sendo a câmara municipal o sitio a discutir a viabilidade do projeto, os seus custos e as questões jurídicas e burocráticas.

Parece que o estudo do processo curatorial pode ser fundamental para entender o processo de concepção de uma intervenção urbana, pois parece que esta forma de trabalhar esta sempre em contacto constante com uma forma de trabalhar global de maneira criar uma ligação entre o ambiente e as obras que nele se inserem.

As técnicas são variadas, como podemos observar nos casos de estudos, são métodos sempre orgânicos que vão de acordo com as necessidades dos material e do processo criativo de cada artista. O mesmo aconteceu neste projecto, algumas vezes nasce primeiro a fotografia e depois a ideia no contexto urbano, outras vezes

aconteceu o oposto, primeiramente houve uma investigação de espaços e as fotografias são modeladas de acordo com o espaço. Na obra de Ron English a crítica ao consumismo parece estar quase sempre presente e o seu modo de intervir nas ruas são muito semelhantes a este projecto. English dá inicio ao seu processo criativo no espaço ou no seu atelier, umas vezes procura na cidade espaço de interesse para iniciar a produção de ideias, outras vezes é no seu atelier que começa a criar e que de seguida procura um espaço para a expor. Neste projecto o mesmo acontece, não há uma guia de como iniciar o processo criativo, procura-se a sensibilidade estar atento ao que nos rodeia e perceber as possibilidades do espaço e das próprias obras. Já na obra de Vhils os seus métodos para retratar passam muito pelo mesmo processo, que assemelham-se a este projecto sempre que foi criada a fotografia antes de ter sido pensada para o espaço.

O projecto Robnu procura juntamente com outros artistas públicos equilibrar essa balança entre consumismo e sensibilidade enquanto humanos, procura moldar a nossa cultura visual sendo um vocabulário acessível para todos. Torna a rua uma história contada através da imagem fotográfica e mostrar o outro lado "quase esquecido" da fotografia.

5º Capítulo

Projeto

5.1. Afinal quem é Robnu?

Para responder a esta questão é relevante mencionar as minhas influências e experiências que originaram esta vontade em promover a Arte Urbana e "dançar no seu palco" criando o espetáculo nas ruas.

A pintura sempre esteve muito presente em toda a minha adolescência. O primeiro conjunto de acrílicos abriu um mundo novo de possibilidades na tela branca, e por muito tempo nenhuma outra forma de arte seduziam o meu gosto.

Por muito tempo a pintura era um sitio de algum conforto, onde o lento processo da pintura permitia um estado meditativo e por vezes pensativo. Só existia "eu" e a tela, no meio do silencio o pincel já gasto a passar pela superfície da tela que era o som predominante. Com o tempo esse estado viajante foi parecendo enfadonho e experimentando varias técnicas e expressões artísticas fui descobrindo zonas de desconforto que, por estranho que pareça, exitavam a minha vontade de criar, principalmente de errar, são até hoje responsáveis pelo meu gosto pela sabedoria Humana.

"Na pintura não existem erros, apenas acidentes felizes." (Bob Ross)

Todas as áreas da arte, desde cinema à poesia, libertam até hoje em mim sensações complexas e distintas, que deixam-me apaixonado pela vida, pelo Homem e pelo Mundo, talvez pela proximidade da arte ao que é estar vivo, ao que é vida, e de alguma forma cria algum sentido na nossa existência ainda que esse sentido não seja objetivo.

Foi apenas com a entrada no Instituto de Arte Design e Empresa que quase por acidente tenho contacto com a primeira máquina fotográfica digital. O que seduzia na fotografia digital era o seu imediatismo, a sua eficácia em congelar um momento e visualizar no momento, era excelente para uma expressão artística de intenso teor experimentalista.

Apesar de já ter tido oportunidade de participar em algumas exposição em galerias e eventos, sentia muitas vezes que o número de pessoas que as via era muito reduzido, isso deixava-me muitas vezes frustado, não pela procura da fama nem venda mas porque a arte deve ser para todos e deve ser vista e atingir massas e não um grupo elitista de pessoas que teorizam ideias entre si sem haver partilha de opinião que acontece muito mais frequentemente numa multidão, como James Surowiecki deu o nome Sabedoria das Multidões(1), a essa capacidade intelectual de um largo conjunto de pessoas pela sua partilha de conhecimento.

Depressa as influências dos artistas urbanos vilafranquenses e lisboetas contribuíram para procurar as ruas como um palco com o mesmo prestígio de uma galeria. A arte urbana simplesmente fazia sentido, e a fotografia artística no contexto da cidade sendo praticamente inexistente, parecia que tinha um universo inteiro por explorar. Assim nasce o nome Robnu, um heterônimo que respeita a cultura do anonimato na arte urbana e mesmo assim tentando mostrar que os artistas urbanos não deviam sentir a necessidade de se esconder, visto que Robnu é um anagrama do meu nome próprio. Robnu nasce para dar voz a cidade e as pessoas que nelas vivem, para espicaçar o artista a procurar o novo, para promover o espírito crítico das pessoas, mas essencialmente para mostrar o quanto a arte é necessária num mundo cada vez mais narcisista e consumista.

"Se não mudarmos, não nos mudamos; isto é, se não mudarmos de vida, não mudamos a vida. Quando digo mudar de vida, não é deixar de ser pedreiro para passar a ser médico. Não é isso. É preciso mudar a forma de entender o mundo. O mundo precisa de ação; mas não se chega à ação sem que isso tenha sido elaborado pelo espírito. Um dos grandes males que a nossa época tem é que não temos ideias (...)" (José Saramago em Juventud Rebelde, Cuba, 2005: p.2)

5.2. História e Aventura

Esta aventura teve início na minha pequena cidade Vila Franca de Xira, num pequeno mural em frente à escola Reynaldo dos Santos, podemos dizer que foi um regresso as origens, onde comecei a minha carreira no mundo das artes. Passando por Lisboa, Porto, Madrid e outras cidades da Penisula Ibérica deixei várias obras por vários locais públicos trazendo maioritariamente sempre máquina fotográfica para registar partes do projeto. A Importante ajuda de um grupo de artistas e amigos como Renato Batista, Irmãos Letra entre outros que se juntaram a esta aventura foi crucial para o sucesso deste projeto, tanto para o registo do processo, como para o transporte de materiais mas principalmente, pela saudável companhia e constante discussão de ideias.

Cada Obra carrega consigo a sua história e onde passamos nunca fomos invisíveis, carregando sempre connosco novas ideias e com uma vontade imensa de ser “poeta do Mundo”, estando sempre a absorver a culturas e influências onde passamos.

Com papel, cola e tinta deixamos um rasto da nossa existência mas acima de tudo cativamos o olhar do publico e criamos o glorioso espetáculo.

5.3. Mudança do paradigma da Arte Urbana

Este projeto procura adicionar e incentivar a mais estudos nesta matéria das artes públicas, que fazem parte da nossa paisagem e parece acompanhar o homem desde os registos nas cavernas do homem da pré-história. Contudo é agora necessário um ponto de recomeço em que artistas urbanos sejam incentivados a criar e inovar, deixarmos de olhar como uma forma de arte rebelde, e que os artistas tenham condições de participar no planeamento urbano. Neste projecto pessoal não é procurado qualquer tentativa de elitizar a arte urbana, entre artes menores e maiores, não é procurado inimizar a tradição, muitas vezes narcisista e ruidosa de alguns costumes do *graffiti,* ou de outra vertentes da arte urbana a este projecto. Mas para a forma de arte mais presente no quotidiano da grande maioria das pessoas do séc. XXI, talvez porque para a grande maioria das pessoas é a forma de arte do qual estão mais vezes em contato, devíamos ter uma nova exigência e não cair no "poço" do relativismo, para que as ruas não sejam sitios de ruído visual mas de beleza e bem estar, que sejam palcos de grande espetáculo, resumidamente que sejam mais Almada e não Dantas.

Talvez seja demasiado cedo para um manifesto, mas na época que vivemos tão caraterizada pela diversidade, podemos dizer que ainda está no nosso sangue um rasto da geração Orpheu (5), em que existem inúmeras interpretações das gerações anteriores e devido a essa multiplicidade da época em que vivemos ela fica caracterizada pela diversidade. Mas essa diversidade deve caminhar à procura da novidade, não se limitar a memórias. O alsoluto estará sempre entre a memória e o esquecimento, numa interpretação do que sentimos para partilhar com o mundo.

"Vivemos num tempo em que a diversidade não deve ser o caminho para o relativismo, deve ser o caminho para a exigência, sem que com isso ela seja diminuída." (Fernandes, 2010: p.8)

---

(5) Revista Orpheu, revista trimestral de literatura que introduziu em Portugal o movimento modernista onde vários artistas participaram nas duas unicas edições onde se destacaram Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada-Negreiros e Santa-Rita Pintor.

Tal como afirma Kotler somos uma geração de pessoas e essa diversidade traz com ela preocupação social com o mundo, e pensamos cada vez mais como Homem do mundo sem limites territoriais absorvendo múltiplas culturas e costumes (2014, p: 11, 16, 23). Estamos no tempo certo para focarmos as nossas atenções na qualidade de vida e na qualidade do pensamento.

Tal como afirma Michael Stevens numa entrevista à *Next New Networks*, "talvez tenhamos nascido demasiado tarde para descobrir o mundo, e demasiado cedo na história para explorar as estrelas, mas nascemos no tempo certo para explorar o que pode ser dito, o que deve ser dito".

Acreditamos que não é a retirar o livre arbítrio do artista que podemos caminhar num sentido evolutivo da arte urbana, porque na verdade os artistas continuam a praticar e as próprias obras so perdem qualidade pelo pouco critério dos artistas, parece que as leis como as em Portugal tão têm um resultado positivo na nossa cidade. Devemos desenvolver a própria filosofia da arte urbana entre artistas, repensar a arte urbana como forma de dinamizar a cidade, usando desta forma a metodologia curatorial, (relembrando que no processo curatorial contêm um forte cariz pessoal) em projetos com outros criativos das mais diversas áreas. Mas não foi o elitismo dos museus que fez os artistas virem para as ruas? Será a curadoria a solução concreta para este problema? Não existem soluções concretas no processo político nem artístico. O processo curatorial contêm a subjetividade e versatilidade de qualquer processo criativo e são as suas metodologias que podem melhorar em muito os processos na arte urbana em Portugal. O curador e o artista trabalharem em diálogo aberto com arquitetos, urbanistas e as câmaras municipais de forma procurarem a arte como resposta à densidade populacional e à rotina.

5.4. Portugalidade

Trabalhar de maneira local é uma forma necessária para o contexto urbano, o seu contexto espacial é tão importante quanto à sua obra mas não é uma forma de retirar globalidade da obra artística. Se pensarmos numa escultura como a Pietà de Michelangelo o seu valor artístico global parece ser óbvio, acho que também podemos concordar que tem grandes valores locais, influências romanas ou até se quisermos italianas. O mesmo acontece neste projeto, inspirações em literatura portuguesa são visíveis muitas vezes e o contexto português está sempre presente mesmo quando a obra não está em Portugal, porque como afirma Villas-Boas, o nosso olhar nunca é inócuo (2010, p.90). Aqui a Portugalidade está muito presente, fazendo muitas vezes homenagens a pensadores portugueses, pretendendo sempre uma postura global, de espalhar Portugal pelo mundo, não criando barreiras territoriais mas sim fluidamente remetendo para o saber Humano global.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce./ Deus quis que a terra fosse toda uma,/ Que o mar unisse, já não separasse./ Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,/ E a orla branca foi de ilha em continente,/ Clareou, correndo, até ao fim do mundo,/ E viu-se a terra inteira, de repente,/ Surgir, redonda, do azul profundo./ Quem te sagrou criou-te português./ Do mar e nós em ti nos deu sinal./ Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez./ Senhor, falta cumprir-se Portugal!

(Fernando Pessoa, 1934: p.17)

5.5. A era Planetária

O facilitismo do séc.XXI, trazido pela tecnologia nas nossas mãos como nunca, teve impactos diversos na nossa sociedade. Hoje em dia a grande maioria das pessoas têm no seu bolso melhores telemoveis/computadores que a NASA quando enviou Neil Armstrong na primeira viagem à lua. Essa capacidade de estarmos em constante conecção com o mundo pela internet estará cada vez está mais acessivél como Michio Kaku tenta prever no seu livro *Physics of the impossible* que no futuro nem teremos o click de um rato como distância (2008: p.106). Entre muitas outras funcionalidades dos *Smartphones*, uma das que se destaca na nossa cultura e que destacamos neste projecto é a fotografia, qualquer pessoa hoje não só é capaz de produzir imagens fotográficas de melhor qualidade do que qualquer câmera fotográfica do séc. XIX como partilhar com o mundo pelas redes socias quase de imidiato.

Esta facilidade na procução de imagens parece ter ajudado a causar alguma pressão social nas pessoas a tornarem-se cidadãos globais, pressionando-as a produzir imagens e partilhar gostos, pensamentos e imagens (Kotler, 2014: p.23). Michael Stevans estima que 10% das fotografias existentes no mundo foram tiradas no ultimo ano, ainda acrecenta que hoje em dia a cada 2 minutos tiramos mais fotos que todo o séc. XIX (2015: p.23).

Esta pressão social parece trazer uma grande dose de narcisismo no que toca ao registo fotográfico, a existência do recente termo *selfie* parece confirmar essa tendência em concentrarmos a nossa atenção no “eu”. Esta forma de olhar o mundo, que parece substimar o poder da fotografia e do altruísmo, pode ser extremamente projudicial na evolução do Homem, a nossa história conta-nos que a nossa evolução foi sempre com mentalidade em comunidade e de avanço da espécie, não pela pura e unica contemplação do “eu”. Corremos o risco de aforgarmo-nos de tanto admirararmos o “eu” no nosso reflexo do lago como Narciso.

Michio Kaku afirma, que existem duas tendências no mundo atualmente, uma no sentido de uma civilização tipo 1, a civilização planetária, a civilização do tipo 2 chama-se *Stellar* em que a ciência permite o uso de estrelas como matéria, o tipo 3 é a galactica em que a ciência conhece e nos limites da sua galaxia e permite viajar nela. Hoje em dia encontramo-nos na transição para uma civilização planetária, somos uma civilização de tipo 0, consumimos energia do planeta como o petróleo, que estatisticamente em cerca de 100 anos não teremos mais energias do planeta (2008: p.46). Podemos afirmar que com o avanço tecnológico que nos deixa cada vez mais independentes da energia do planeta, caminhamos para sermos uma civilização planetária, apesar de tambem temos bombas nucleares capazes de destruir toda a vida na terra, que mostra a outra tendência que acenta sobre uma batalha contra a evolução e o progresso. A primeira tendência caminha no sentido multi-cultural, para uma sociedade tolerante, livre e unida. Michio Kaku explica ainda que o caminho para uma civilização planetária já está a vista, tanto na nossa cultura como na nossa tecnologia (2008, pág.15). Uma civilação planetária é o caminho que rumamos, em que linhas territorias deixaram de existir. A perspectiva planetária é dividida por "planetas" e não por paises. Um dos vestígios na nossa cultura é a lingua inglesa que é a segunda lingua de quase todos os países do mundo, a lingua comum, ou se quisermos a lingua planetária. Para os físicos a internet é o telefone plantário. Podemos dizer tambem que a arte urbana pela sua diversidade e globalidade é um vestigio na nossa evolução culturar em direção a uma civilização planetária. Mas existem paradoxos nesta perspectiva. A outra têndencia para um sentido completamente oposto é bastante visivel pelo terrorismo, uma reação contra a civilização planetária, no sentido retrogado de cariz territorial e religioso. Os terroristas não querem multiculturalismo eles ambicionam o monoculturalismo, muitos deles podem não saber articular esta ideia mas os terruristas reagem a esta ideia de civilização planetária que remete para muitos mais paradoxos da globalização (Kotler, 2014: p. 23).

Parece que ao mesmo tempo que caminhamos num sentido globalmente unido

de forma a tornarmo-nos uma civilização planetária outras tendências caminham no sentido oposto, a cultura da comtemplação ao “eu” nesta perspectiva parece ser uma tendência que caminha contra a evolução do Homem, quase uma espécie de terrorismo cultural leve e fingido.

Podemos também dizer que artistas como Salvador Dalí pareciam conter uma boa dose de narcisismo na sua obra e Dalí foi um dos pintores mais influentes do séc XX, mas essa obra é submersa em mundos de sonho repleta de histórias e experiências diferentes para incutir ao observador, mas esta cultura fotográfica do séc. XXI parece vazia, bassa e sem sabor, entupida por ideais consumistas.

A descoberta do “eu” parece sensata e produtiva, mas cabe à arte equilibar esta balança provocando o pensamento, extimulando a inteligência, a curiosidade na exploração do “eu” mas tambem do “nós”.

> “A finalidade da arte é lavar a poeira da vida diária fora de nossas almas.”
> (Pablo Picasso)

5.6. A Carta do obsequioso inconformado

É favor não esquecer que esquecer também é importante. Almada já nos avisava a muito; apenas a memória é um atalho barato que efetivamente não contribui para nada nem ninguém. Não podemos ficar presos apenas pela ação, memória e esquecimento é que é o absoluto. O Mundo precisa de ação e o Homem deve ceder a essa vontade de agir, mas não podemos esquecer que não se concretiza a ação sem que tenha sido desenhada primeiro pelo espírito.

Por isso... sonhem! Inspirem-se e estimulem o próximo. Encham o peito de luz e gritem bem alto para os céus os vossos sonhos. Apontem e citem mas sejam criadores de ideias, procurem a unanimidade e o novo. Vivam todas as vidas que consigam e comemorem o Mundo e o Homem, mostrem ao Universo que somos pensantes e não bestas itinerantes meio vivas. Sejam poetas do Universo e concintam que Universo seja poeta para vocês.

(Texto em prosa do autor, 2016)

5.7. Obras - 5.7.1. Poesia do Sangue

O cinema está muito presente na nossa cultura e continua a influenciar diversas áreas do conhecimento humano. O drama da representação dos modelos ou se quiserem atores, a carne e o sangue, acentuam a poesia da dor. Referências do cinema como Quentin Tarantino e Frank Miller (mais precisamente pelo filme Sin City) foram determinantes para esta série.



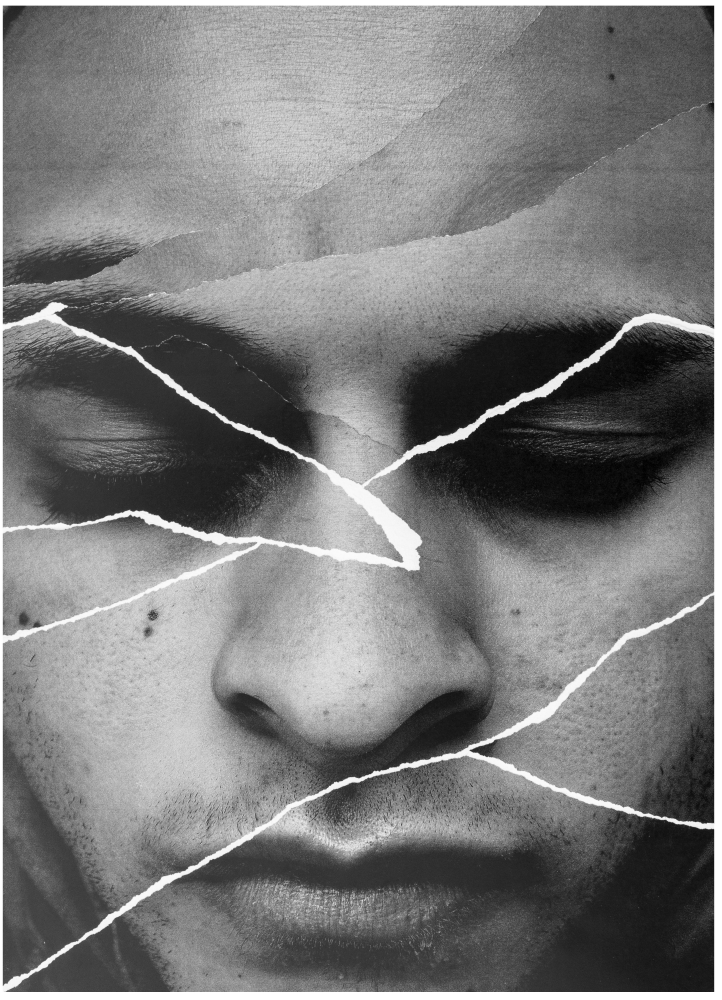


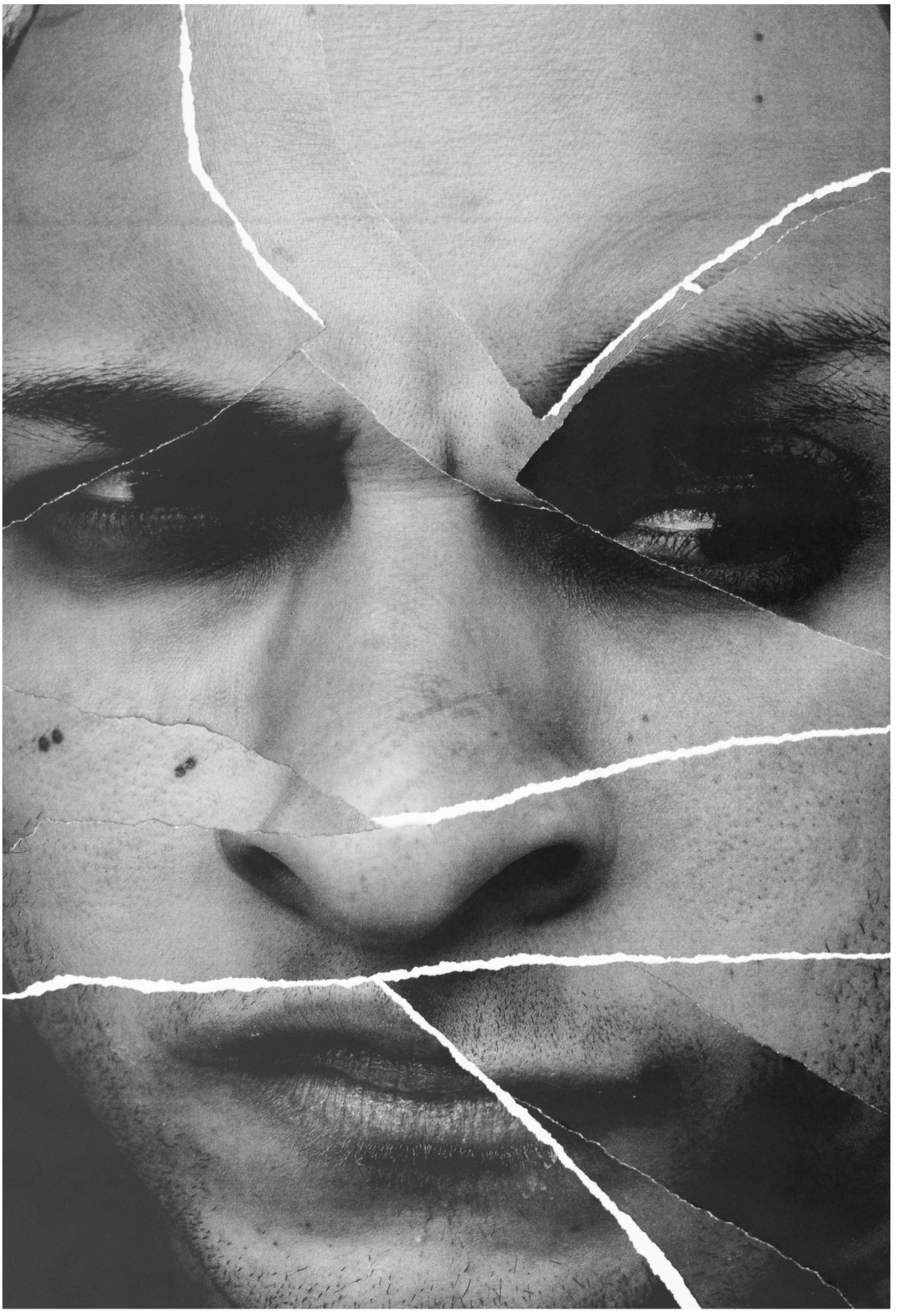


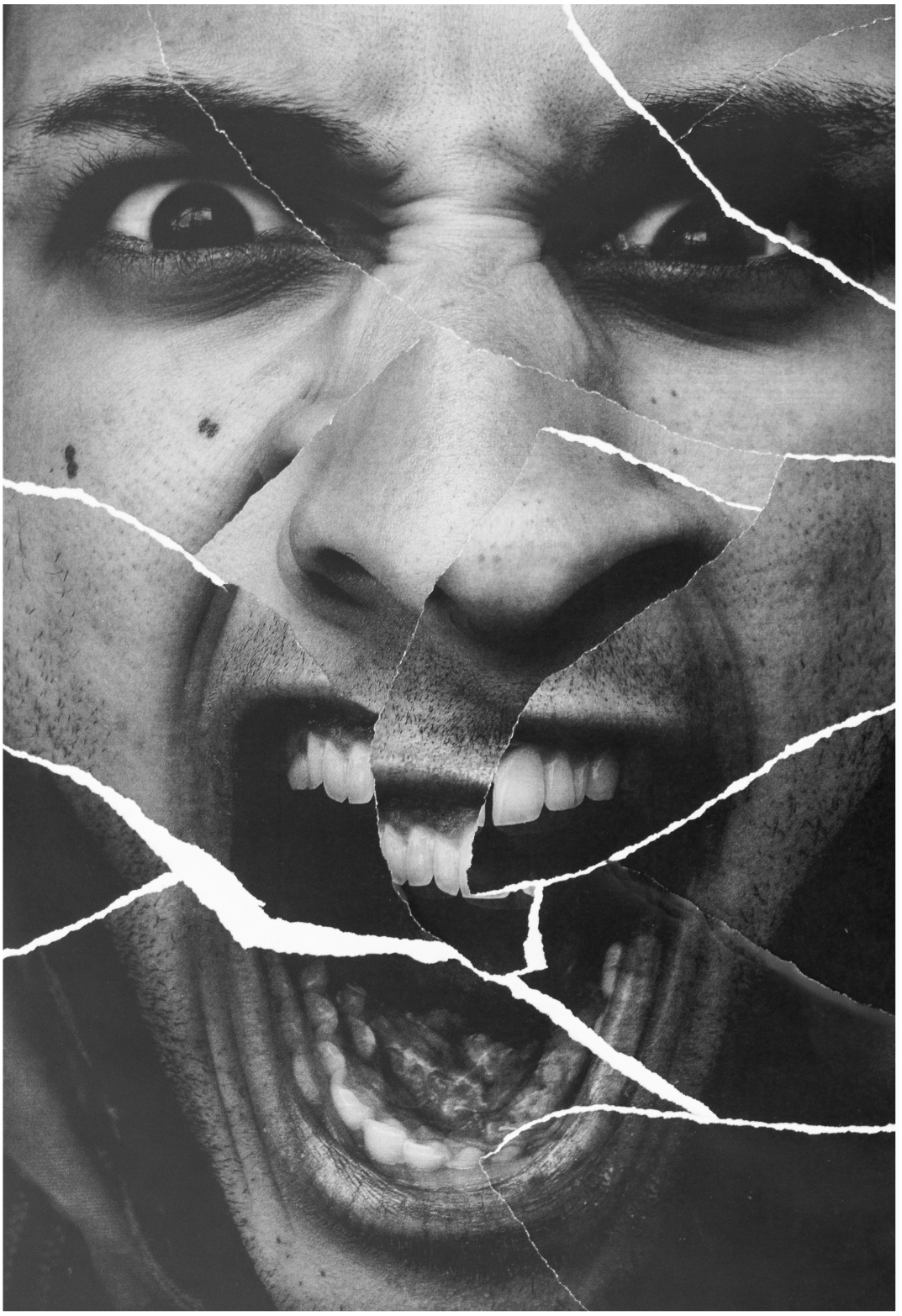


5.7.2. Reflexos do Sujeito

Mais uma vez a teatralidade está muito presente nesta série. A expressão facial tem vários momentos, não é algo atemático nem previsível, os estados do corpo e da mente variam e aqui procurou-se o pico da intensidade dramática, tentando captar essas instâncias. Várias referências provocaram a vontade desta série, mas uma predominante foi a literatura de Fernando Pessoa essencialmente pelo processo de criação de personagens representativas de um “Eu” escondido.







5.7.3. Espasmos

Esta composição fotográfica mostra-nos a euforia de estar na cidade de diferentes perspectivas, mostra-nos também o sentimento de viver nela e liga-nos a quem vive neste contexto. O Caos é predominante nesta obra e não procura a realidade, procura sim a poesia da cidade, os seus sons, a sua organização e a unanimidade, dando voz à cidade, personificando a cidade.







5.7.4. Olhos Cuscos

Aqui foi procurado mais uma vez retratar o sentimento de estar na cidade que não dorme, pensada para a cidade de Madrid, uma cidade onde não se conhece o silêncio. Aqui por oposição à série Espasmos, confrontamos os olhares da cidade, desta vez com uma nuance mais visual e menos sonora.






LA QUIME
NO SE TOLERA ACTITUDE
TRANSBOLL MOFOBICA
PUTOFOBAS, RACISTAS
WWW.MADGRRRL FEST.WOR
Producción
de Sa
Propuesta
de Sol Bibr
Sábad
6, 13, 2
de feb
–
20:00h
El Umbr
C/ Prima
Madrid
<Metro>
cristinacorrado.es
Producción: Arte
4.48
de Sarah Kane
Propuesta escénica
de Sol Bibriesca
4.48
de Sarah
Propuesta escénica
de Sol Bibriesca

5.7.5. Irrupção

Esta série de fotos confronta o observador com algo corrente neste projeto, anatomia e símbolo. Esta atitude provocativa e experimental levantou muitas questões pela sua polémica, muitas delas relacionadas com a simbologia da representação anatomica, tornando-me uma espécie de inimigo público. Esta série contem um teor muito evasivo e provoca a reação fácil e a reação pensada, como um sorriso amargo depois de uma profunda gargalhada.






REFORMAS
CAMBIAMOS BAÑERAS POR PLATOS DE DUCHA
FONTANERÍA
KARAOKE
Sabado 09 de Abril de
21:15 HORAS
Sabado 09
Pez Gordo

5.7.6. Outras series

Este processo da procura fotográfica e do espaço, nem sempre andaram em conjunto, sendo que desta atitude experimentalista nasceram várias séries que não conheceram o palco das ruas as ganharam contextos galerísticos. Aqui fica algumas destas obras, não menos importantes mas não catalogadas para este projeto.

